



Mas não se vive nas ruas, se sobrevive: uma compreensão fenomenológico-existencial acerca de mulheres em situação de rua

But you don't live on the streets, you survive: a phenomenological-existential understanding of women living on the streets

Mais on ne vit pas dans la rue, on survit : une compréhension phénoménologique-existentielle des femmes sans abri

Fabiana Bruce Pereira¹

Luziane Vitoriano da Costa²

Dacir Martins de Castro³

Gabriel Vitor Melo Rocha⁴

Resumo -. O (sobre)viver na condição de rua permeia-se por inúmeras exposições que implicam em fatores para além das especificidades individuais, devido ao entrelaçamento social, histórico, cultural e político. As mulheres cis, trans e travestis que vivem na rua configuram-se como um grupo com menor número quando equiparado aos homens, no entanto, são as mais acometidas por opressões, a partir de um conjunto de cerceamento, subjugação e invisibilização. O presente estudo objetiva tecer compreensões sobre as vivências de mulheres em situação de rua. A metodologia utilizada direcionou-se para a abordagem qualitativa, do tipo de pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória, cuja análise teórica fundou-se na perspectiva fenomenológico-existencial. Como critério de inclusão, nos aproximamos de estudos que versam sobre as vivências de mulheres em situação de rua, priorizando as produções científicas a partir do ano de 2015 ao ano de 2023. Os principais resultados apontam que, a condição de gênero revela-se nas relações de poder implicadas em uma matriz hierárquica patriarcal aos quais impactam diretamente nos modos de viver das mulheres; as mulheres são submetidas a violência na vida pregressa ao contexto das ruas, sendo estas mais explícitas na condição de rua, destacaram-se as violências físicas, sexuais e psicológicas. Conclui-se que há necessidade de implementação de

¹ Psicóloga. Bacharela em Psicologia pela Universidade Nilton Lins. Email: fabiana_bruce@hotmail.com

² Mestre do Programa de Pós-graduação em Psicologia/PPGPSI/UFAM. Docente do curso de Psicologia da Universidade Nilton Lins. Psicóloga graduada pela Universidade Paulista/UNIP. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). E-mail: luziane.costa@gmail.com

³ Docente da Universidade Nilton Lins. Psicólogo na Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos (SEMASC) do Município de Manaus. Especialista em Tutoria e Docência em Educação a Distância e em Didática do Ensino Superior pela Universidade Nilton Lins. Psicólogo graduado pela Universidade Nilton Lins. E-mail: dacir.martins@hotmail.com

⁴ Mestre do Programa de Pós-graduação em Psicologia/PPGPSI/UFAM. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). E-mail: gabrielvitor.mr@gmail.com



políticas públicas direcionadas às mulheres em situação de rua e produção de cuidado nos serviços de saúde; apontando para o desafio da atuação do profissional da psicologia nas redes socioassistenciais.

Palavras-chave: Mulheres; Situação de Rua; Fenomenologia- Existencial.

Abstract – Surviving on the street is permeated by countless exposures that involve factors beyond individual specificities, due to the social, historical, cultural and political intertwining. Women who live on the streets are a smaller group when compared to men, but they are the ones most affected by oppression, based on a set of restrictions, subjugation and invisibility. The aim of this study is to understand the experiences of women who live on the streets. The methodology used was a qualitative approach, of the bibliographical, descriptive and exploratory type, whose theoretical analysis was based on the phenomenological-existential perspective. As an inclusion criterion, we approached studies on the experiences of homeless women, prioritizing scientific productions from 2015 to 2023. The main results show that the gender condition is revealed in the power relations implied in a patriarchal hierarchical matrix, which have a direct impact on women's ways of living; women are subjected to violence in their lives prior to the context of the streets, which is more explicit in the street condition, with physical, sexual and psychological violence standing out. The conclusion is that there is a need to implement public policies aimed at homeless women and the production of care in health services, pointing to the challenge of psychology professionals working in social assistance networks.

Keywords: Women; Living on the Street; Existential; Phenomenology.

Résumé

(Sur)vivre dans la rue est imprégné de nombreuses expositions qui impliquent des facteurs dépassant les spécificités individuelles, en raison d'imbrications sociales, historiques, culturelles et politiques. Les femmes cis, trans et travesties qui vivent dans la rue constituent un groupe moins nombreux que les hommes, mais elles sont les plus touchées par l'oppression, basée sur un ensemble de restrictions, d'asservissement et d'invisibilisation. La présente étude vise à comprendre les expériences des femmes sans abri. La méthodologie utilisée était orientée vers une approche qualitative, du type de recherche bibliographique, descriptive et exploratoire, dont l'analyse théorique était basée sur la perspective phénoménologique-existentielle. Comme critère d'inclusion, nous avons abordé des études qui traitent des expériences des femmes vivant dans la rue, en donnant la priorité aux productions scientifiques de l'année 2015 à l'année 2023. Les principaux résultats indiquent que la condition de genre se révèle dans les relations de pouvoir impliquées dans une hiérarchie patriarcale. matrice qui impacte directement les modes de vie des femmes ; Les femmes sont victimes de violences dans leur vie antérieure dans le contexte de la rue, ce qui est plus explicite dans la situation de rue, où la violence physique, sexuelle et psychologique ressort. On conclut qu'il est nécessaire de mettre en œuvre des politiques publiques destinées aux femmes sans abri et à la production de soins dans les services de santé ; soulignant le défi du rôle des professionnels de la psychologie dans les réseaux d'assistance sociale.

Mots-clés : Femmes ; L'itinérance ; Phénoménologie- Existentielle



A população em situação de rua consiste em uma realidade com aumento exponente, notável ao caminharmos pelas ruas das grandes e pequenas cidades. Rocha e Olivera (2020) caracterizam o povo de rua como um grupo heterogêneo com história de vida envolto a situação de pobreza extrema, vínculos familiares e comunitários frágeis ou rompidos.

A condição de precariedade social da população que estão em situação de rua no Brasil, tem se agravado, devido ao aumento de desemprego, visto que esse fenômeno forçou muitas famílias a migrarem da cidade de moradia para metrópoles em busca de trabalho. Além dos mais, Honorato e Oliveira (2020) explicitam que essa situação de múltiplas vulnerabilidades pode levar as pessoas que moram nas ruas ao uso abusivo de álcool e outras drogas.

Ao longo da história, percebe-se que a vivência das mulheres é atravessada por situações de violência. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) compreende a violência como o uso com intenção de força física ou poder, pelo viés da ação ou ameaça, em detrimento de si próprio, outra pessoa, grupo ou comunidade, sendo quaisquer que sejam as ações que tenha grande probabilidade em produzir lesão, morte, dificuldade psicológica, deficiência, tanto de desenvolvimento quanto de privação.

Para Rosa e Brêtas (2015), a partir das discussões acerca da violência de gênero, é possível perceber que as mulheres vivenciam a relação de poder desde o contexto familiar. Para os autores, a violência apresenta-se de forma transversal na trajetória de vida das mulheres, acarretam prejuízos nas relações sociais e potencializam a ida para o contexto das ruas em decorrência de desrespeito à sua integridade. Neste sentido, é possível refletir que, as mulheres que vivenciam a violência não as percebem e as toleram por, muitas vezes, não se tratar de uma violência que afeta o físico, mas delineiam-se por violências psicológicas, verbais e de negligência.

Saffioti (2015) aponta que, as travestis, as mulheres transexuais e mulheres transgênero também estão inseridas em situações de violências, sendo manifestas através de agressividade das formas mais abrangentes, no qual evidentemente, há uma predominância na prática da violência que parte do homem para com as



mulheres, travestis, as mulheres transexuais e mulheres transgêneros, ao qual se perpetram ao longo da história

Richwin e Zanello (2023) pontuam os multifatores que atravessam a existência das mulheres, ao que se refere à vida anterior à vivência nas ruas, é marcada pelas violências estruturais e de diversas formas de precarização social. Contudo, ao sair de casa para viver nas ruas acabam por ir de encontro com as mesmas violações, advindos de estruturais sociais que não amparam as mulheres.

Com base nesses pressupostos Sanchotene *et al.* (2019) reiteram a escassez de estudos acerca da mulher em situação de rua, especialmente, ao que se refere as considerações das especificidades individuais dessas mulheres. Este foi o principal fator para a elaboração deste estudo para demonstrar a importância de potencializar a realização de estudos acerca das mulheres em situação de rua que ainda são invisibilizadas.

No entanto, aprofundar nestes construtos teóricos nos leva a questionamentos pertinentes a esse estudo, visto que justifica-se pela necessidade em produção de pesquisa que possam abranger o temáticas envoltas as mulheres em situação de rua. Concernente a isso, apresenta-se a seguinte questão norteadora da pesquisa: “Quais os fatores de riscos e proteção que atravessam a vivência das mulheres em situação de rua?”

Portanto, a presente revisão de literatura visa descrever como os múltiplos modos de vida e realidade das mulheres em situação de rua, analisando os fatores de riscos que permeiam a vivência dessas mulheres e descrever as redes de proteção e cuidado que alcançam as mulheres em situação de rua sob uma perspectiva fenomenológico-existencial. Assim, esse estudo percorre pelos caminhos da metodologia qualitativa, do tipo revisão de literatura, a qual busca compreender os sentidos e os atravessamentos existenciais nas vivências das mulheres em situação de rua.

Metodologia

Para alcançar o objetivo proposto nesse estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2008), caracteriza-se pelo levantamento bibliográfico material já publicado, no qual utiliza-se, especialmente, livros, artigos periódicos e dissertações disponibilizados em dados eletrônicos, cuja finalidade é encorajar o



pesquisador a entrar em contato direto com produções escritas acerca de um assunto específico, auxiliando o pesquisador no aprofundamento da análise sobre as problemáticas levantadas e a construção de suas informações.

Para a aplicação dos critérios de inclusão estabelecidos para a busca ficou estabelecido a utilização dos artigos publicados entre os anos de 2017 e 2023, disponíveis em língua portuguesa, priorizando publicações científicas que envolvam o grupo de mulheres que se autodeclaram cis ou trans.

Quanto a escolha das produções científicas, baseou-se em materiais que versam sobre o tema proposto acerca da vivência das mulheres em situação de rua, a violência e estigmas que atravessam os modos de viver das mulheres neste contexto, as estratégias de proteção e cuidado com a saúde e as políticas públicas direcionadas para as mulheres em situação de rua.

Após a pesquisa e leitura das produções científicas que estavam duplicadas, artigos que não foram publicados em periódicos, ou que não abordavam sobre as vivências das mulheres em situação de rua, foram excluídos. A busca pelos artigos deu-se entre o período de 15 de outubro a 20 de novembro de 2023.

Os descritores utilizados nesta pesquisa foram: “situação de rua”, “pessoas em situação de rua”, “mulheres em situação de rua”, “proteção da mulher”, “saúde da mulher”. Para o levantamento bibliográfico para o presente estudo realizou-se através dos bancos de dados eletrônicos, sendo: Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-PSI), Literatura Científica e Técnica da América Latina (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Amazonas, Capes Periódicos e PubMed.

Ao que se refere o tratamento e análise de dados, utilizou-se as descrições elaboradas por Bardin (2016), visto que propõe orientações envolvidas para a análise da dados textuais de uma pesquisa com a abordagem qualitativa, especialmente, aplicada na área da psicologia. Em razão disso, na presente pesquisa foram utilizadas publicações científicas sobre a temática das vivências das mulheres em situação de rua, com a finalidade de alcançar os objetivos da pesquisa. Em consonância as estas colocações, Prodanov e Freitas (2013) evidenciam que o tratamento e a análise de dados visam nomear e identificar os meios que o pesquisador utilizou para coletar as informações referentes a pesquisa.



Resultados e discussão

Para ampliar a compreensão e discussão dos resultados desta presente pesquisa, subdividiu-se em três categorias: A primeira categoria apresentou “Compreendendo as vivências de mulheres em situação de rua”, que objetivou revisar as abrangências sobre o panorama estatístico sobre as mulheres em condição de rua, como também teceu apreensões acerca dos modos de viver de mulheres em situação de rua, que decorrente da condição de gênero, as mulheres são expostas a uma condição de maior vulnerabilidade no contexto das ruas.

A segunda categoria retratou “Afetações das violências na vivência de mulheres em situação de rua”, desenvolveu-se como um tópico informativo, que visou abordar as situações de violências que as mulheres perpassam, seja na trajetória de vida progressa à situação de rua ou em própria condição de rua. Assim, pontuou-se as formas de violências e ações discriminatórias que as mulheres em situação de rua perpassam, acentuando a vulnerabilidade social.

Na última categoria evidenciou-se acerca do “Desvelamento do cuidado à saúde de mulheres em situação de rua”, visando ampliar o conhecimento sobre os Processos de Prevenção à Promoção da Saúde. Portanto, identificou-se como conduz-se o cuidado à saúde de mulheres em situação de rua, evidenciando a dificuldade de mulheres em situação de rua no acesso às redes socioassistenciais e serviços de saúde.

Compreendendo as vivências de mulheres em situação de rua

Heidegger (2015) propõe que o Ser-aí (*Dasein*) é algo que se torna manifesto e está em cada um de nós, sendo parte fundamental da condição humana, vivenciando o cotidiano, pois somos todos quem habitamos o mundo e fazemos parte deste, sendo o mundo o todo que está envolto a nossa existência. Não obstante, somos lançados ao mundo, experienciando o cotidiano, aos quais situações inesperadas podem surgir, sem que possamos obter escolha ou controle sobre elas.

Partimos da premissa em tecer compreensões do panorama estatístico acerca da população de rua, visto que reconhecemos a importância de fazer referência à existência de mulheres que são lançadas no mundo e aos modos de vivências na condição de rua, sendo as mulheres em situação de rua que desvelam-se no Ser-aí (*Dasein*).



A Política Nacional para População em Situação de Rua, sancionada em 2008, estima que as mulheres em situação de rua compõem o grupo de menor expressividade quantitativa, sendo 18% no cenário nacional, quando comparado aos homens em situação de rua (Brasil, 2008).

Devido à falta de levantamentos estatísticos atualizados acerca da população em situação de rua, foram colhidos dados através das secretarias de assistência social estaduais e municipais, bem como pelo Cadastro Único (CadÚnico). Sendo este, apresentado no relatório preliminar de pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que demonstram a estimativa no Brasil de 281.472 pessoas em situação de rua. Neste documento, dispõe-se como perfil sociodemográfico as seguintes características: homens, adultos e negros (Brasil, 2023).

Todavia, a partir dos resultados da pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Brasil, 2023), compreende-se que há uma necessidade de reconfiguração das pesquisas para o aprimoramento e obtenção dos dados oficiais atualizados para que possamos contemplar as especificidades acerca do contingente das pessoas em situação de rua.

Além disso, assim como no Censo Demográfico, realizado a cada dez anos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e as estatísticas realizadas a cada ano através da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), é possível evidenciar que essas pesquisas não abrangem a magnitude da população das mulheres cisgênero e que se autodeclaram mulheres transexuais (Brasil, 2013).

Desse modo, demonstram-se lacunas investigativas sobre as mulheres em situação de rua, a nível nacional e regional. Tendo em vista que, conforme Souza (2021), uma pesquisa realizada pela Gerência de Atenção à População em Situação de Rua da Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do Amazonas (SEJUSC/AM), com colaboração das redes de atenção à população em situação de rua, estima-se que há 1.289 pessoas na condição de estar nas ruas, especialmente, concentradas no bairro central do município de Manaus.

Cabe refletir sobre a falta de resultados estatísticos atualizados que corroborem para a estimativa da população feminina em situação de rua. Tendo em vista que,



embora a população neste contexto configure-se como um grupo heterogêneo, a oferta dos subsídios para o tratamento com as mulheres que vivenciam nos espaços das ruas não vislumbra as especificidades destas.

Diante exposto, Castro (2017), amparado pela filosofia de Heidegger, destaca as características de ser-no-mundo como sendo: disposição, compreensão e discurso. Neste estudo, evidencia-se a compreensão, visto que o ato de compreender consiste em um ato de tornar notório e familiar as identidades e seres diante as suas utilidades. Sobretudo, compreender e interpretar são um estado existencial de ser-no-mundo, isto é, são aspectos do homem de ser e existir no mundo. Assim, não há compreensão sem interpretação.

Coldibeli *et al.* (2021) delinearão uma revisão sistemática acerca do cuidado à saúde das mulheres, visando desenvolver conhecimentos sobre as especificidades na condição de gênero atrelada à condição de vivência nas ruas. Dentre os principais resultados, foi possível compreender que em todos eles há uma presente inadequação dos serviços ofertados ao cuidado para com as mulheres em situação de rua, principalmente, frente as peculiaridades que as mulheres apresentam em suas demandas.

Outro fator importante, refere-se as estruturas patriarcais vigentes que mantém o cenário de opressão e precarização das condições de vida, imposto aos corpos das mulheres, a partir das violações de direitos, advindo da construção do contexto histórico social ao que tange o papel social esperado para que a mulher exerça na esfera social (Coldibeli *et al.*, 2021).

Desta forma, cabe dizer que, as vivências e experiências cotidianas das mulheres em situação de rua as colocam em uma posição social invisibilizada. Esmeraldo e Ximenes (2022) argumentam que vida envolta ao descrédito social acaba por delinear os lugares e modos de vida de mulheres que se encontram na condição de rua. Concernente a isso, é relevante considerar que as vivências de mulheres, em seu horizonte histórico, se inserem em um mundo desigual que demarcam as relações, modos de viver e os papéis sociais que culmina na invisibilização das mulheres.

Com relação aos artigos coletados que buscaram compreender os modos de viver das mulheres em situação de rua, foi possível perceber uma correlação às



violências, tanto na trajetória pregressa de mulheres à vivência nas ruas quanto na própria situação de rua. Ao que tange os motivos pelos quais desencadeou-se a ida das mulheres para as ruas, Moreira *et al.* (2020) destacam como os principais motivos: a violência doméstica ou conjugal, estresse ambiental, abuso de álcool e outras drogas, tráfico, prostituição, exposição ao crime e a subjugação sistemática.

Diante dessa perspectiva, compreende-se que é necessário lançar um olhar sensível para as distinções e singularidades das vivências de mulheres em situação em rua, visto que as mulheres apresentam necessidades específicas. Assim, Costa *et al.* (2015) evidenciam que, na situação vivida na rua, o privado se desmancha e o corpo é apresentado à rua. Contudo, quando se retrata as vivências de pessoas em situação de rua, é relevante distinguir os modos de vida entre homens e mulheres. Tendo em vista que a condição de gênero expressa uma condição de maior vulnerabilidade, devido à relação de poder e hierarquização de pessoas.

O filósofo Merleau-Ponty (2018) compreende que a concepção de corpo está para além de sua constituição orgânica, o que significa dizer que o corpo não reduz-se a um objeto, a uma coisa, visto que consiste em um elemento essencial da existência humana. Portanto, cabe pensar que, o corpo é um objeto que traduz-se a partir da corporeidade. Sendo assim, as vivências são únicas e estas se dão através do corpo.

Desse modo, debruçamos na teoria de Merleau-Ponty para compreender que, se revelam no vivenciar de mulheres em situação de rua, um mundo complexo e envolto de exclusões e dificuldades sociais atreladas às violências e opressões pela condição de gênero feminino, decorrente de um cenário hegemônico masculino. Neste sentido, constantemente, os corpos de mulheres são submetidos à violência como um corpo objeto, ao qual se nega a dignidade humana. Sendo este corpo um elemento essencial da existência humana em que sente as violências, violações, discriminações e vulnerabilidades.

Diante disso, a concepção de vulnerabilidade social expressa-se por diferentes contextos e modos de vida, apreende-se por implicações multifatoriais em sua gênese, não apenas ancorada na ausência ou precariedade no acesso financeiro, mas também em decorrência às fragilidades dos vínculos afetivos e relacionais e da desigualdade de acesso aos bens e serviços públicos (Brasil, 2009).



São diversas as exposições que as mulheres atravessam na vida cotidiana, em especial, no contexto das ruas. Biscotto *et al.* (2016) pontuam que a vivência diária nos lugares públicos é marcada por algumas necessidades em comum, a saber: falta de acesso à alimentação, à saúde e ao transporte, recursos financeiros, uso abusivo de álcool e outras drogas e a discriminação social. Assim, as mulheres em situação de rua buscam alternativas para que de alguma forma consigam suprir as suas necessidades básicas, bem como lidar com o preconceito que se manifesta decorrente do pertencimento ao gênero e da condição de rua.

Partindo desta perspectiva, Nobre *et al.* (2018) evidenciam as narrativas sobre os modos de viver das mulheres em situação de rua, aos quais se destacam vivências para além das questões imbricadas ao gênero, pois se apresentam discursos frente a outros desafios encontrados cotidianamente e a sua utilização de estratégias como forma de resistência para sobre(viver) ao que tange às dificuldades diárias que atravessam seus modos de vida múltiplos, a saber: a arte, liberdade, solidariedade, disputas, conflitos, medos e confiança.

Em concordância a esse discurso, a vivência de mulheres em situação de rua também conduz-se a partir da resiliência para lidar com as violências perpetradas no âmbito das ruas, pois trata-se de uma realidade vivenciada em meio a constantes ameaças que coloca em risco o Ser-aí. Desse modo, é possível afirmar que os modos de viver configuram-se a partir da utilização de estratégias de cuidado para sobreviver diante as tentativas de invisibilização.

Prudente *et al.* (2018) entendem que os meios de ida às ruas das mulheres e homens são distintos, visto que os homens têm como principais motivos para a ida às ruas: em virtude dos processos prolongados acerca dos problemas familiares, desemprego e uso abusivo de álcool e outras drogas. Enquanto as mulheres deixam suas casas, em razão dos rompimentos a situações de violência doméstica, violência conjugal, violência sexual e negligência.

Para Heidegger (2015), o ser humano é existência e está lançado no mundo que não foi escolhido por si próprio, e este mundo pode revelar-se inóspito ou não, isto é, o Ser-aí, o ser-no-mundo e o ser-com são lançados no mundo sem que este tenha alternativa para escolher o mundo de existência. Assim, o destino de si está



ligado ao destino do outro, que este encontra-se dentro de seu próprio mundo, sendo esta denominada de facticidade.

Há de se refletir que as mulheres, ao romper com as violências que vivenciavam nos seus lares aos quais espera-se a segurança, aproximaram-se da sua subjetividade, na tentativa de resgatar o seu ser si-mesmo. Contudo, ao adentrar o mundo das ruas foram atravessadas por facticidades intrínsecas a este contexto, como as violências, aos quais revelam-se em uma tentativa de invisibilização e até mesmo de eliminação, e ainda sim, as mulheres buscam alternativas para sobre(viver) em um contexto extremamente hostil e inóspito. Demonstrando as inquietações como ser-no-mundo, sendo perseverante mesmo defronte a tantas adversidades.

Nesta direção, as redes de atenção à saúde para a população em situação de rua, inclusa as mulheres nesta condição, crescem a exclusão. Em vista de que, os serviços de saúde realizam exigências para o agendamento de atendimento, documento de identificação e comprovante de endereço (Hallais & Barros, 2015).

No entanto, essas exigências cabem questionamentos, pois a população em situação de rua vivencia níveis de extrema vulnerabilidade e enfrenta dificuldades para a obtenção e conservação das documentações básicas, bem como não tem residência fixa.

Desse modo, é fundamental apreender as situações ou os motivos que levaram as mulheres para a situação de rua, visto que as vivências anteriores trazem aspectos imbricados a violência e opressão que já foram vivenciadas no ambiente doméstico. Sendo assim, essas razões podem denunciar a displicência do Estado e a destituição do suporte da sociedade para com as mulheres antes mesmo de adentrar aos modos de viver nas ruas (Nardes & Giongo, 2021).

Percebe-se que a violência é um ponto comumente apresentado nas produções científicas. Outrossim, neste cenário, também há a sobreposição da raça que influi nas vivências de mulheres em situação de rua. À vista disso, Akotirene (2019) retrata a correlação entre a mulher negra e a condição de submissão que evidenciam os aparatos coloniais e destacam os aspectos das opressões estruturais. Assim, o gênero feminino, raça e a condição de rua amplificam o agravamento da vulnerabilidade nas vivências em situação de rua.



Diante exposto, Mendes *et al.* (2019a) evidenciam a necessidade de estudos que possam descrever as experiências de vida e as especificidades de pessoas em situação de rua, para que se faça possível a compreensão da relação de poder que alcança a população e revelam contingências complexas, nas esferas políticas, sociais e econômicas, bem como pelos marcadores de diferenças de gênero, sexualidade, raça, classe e outros que estão implicados nas vivências de mulheres em situação de rua.

Neste cenário, o uso abusivo de substâncias psicoativas assume sentido ambivalente na vida das mulheres, no qual podem ser percebidos tanto como cuidado quanto uma doença que se precisa de cuidados. Em relação ao cuidado, as drogas podem atuar como uma forma de sobrevivência, como uma fuga das condições nocivas aos quais vivenciam no cotidiano. Por outro lado, o uso abusivo de álcool e outras drogas desvela o caráter de doença, pois tornam-se vulneráveis a situações de violências, sendo uma demanda que pode ser assistida pelos serviços de saúde (Coldibeli *et al.*, 2023).

Costa *et al.* (2015) trouxeram em seu aporte de estudo que, os efeitos nocivos do uso abusivo de substância psicoativa pode ser um desafio limitante para as mulheres que gestam e exercem a maternidade em situação de rua. A gravidez, quando ocorre no contexto das ruas, pode revelar comprometimentos para a saúde da mãe, bem como para o desenvolvimento do bebê, posto que existem dificuldades quanto ao acesso aos sistemas de saúde, no qual nota-se a ineficiência das políticas públicas e a discriminação, devido à condição de rua.

Sanchotene *et al.* (2019) compreendem que, socialmente, a identidade feminina está relacionada ao papel social de ser mãe, assim, o ideal que se espera da mulher é o exercício da maternidade e os cuidados com os familiares e as tarefas domésticas. Todavia, é possível pensar que a mulher no contexto das ruas não se enquadra nesses padrões, visto que a mãe possivelmente não permanece com a guarda dos filhos, em razão de não poder suprir as necessidades básicas da criança. Justifica-se, portanto, que a mãe que encontra-se em situação de rua não pode exercer a maternidade da forma que idealiza, podendo ter parte da sua identidade fragmentada ou anulada, possivelmente, culminando em sofrimento.



Dessa forma, as vivências das mulheres em situação de rua revelam a precariedade social ao qual estão submetidas. Torna-se mais agravante quando somados ao gênero feminino, ser gestante e em situação de rua. Por este motivo, ainda se faz necessário a compreensão dos modos de viver e singularidades de mulheres que estão em condição de rua, visando ampliar os desdobramentos pertinentes às mulheres gestantes que são lançadas em um mundo inóspito que apresentam constantes ameaças à sua existência, com reduzidas promoções de proteção e cuidado à saúde.

Assim, cabe pensar que, as mulheres que vivem e sobrevivem nos espaços das ruas confrontam o mundo privado de subordinação, rompem com a subjugação imposta em seus corpos, de forma que fecham os olhos para a realidade que lhes é demarcada. Defronte a sua própria existência, passam a operar os modos de apartação do ser humano, em pontos de questionamentos de ser parte ou não deste mundo, visto que manifestam-se no contexto social os processos de exclusão, expostos da inacessibilidade das políticas públicas, ações discriminatórias e violações de seus corpos que podem afetá-las de diversas formas, podendo as levar à morte (Esmeraldo & Ximenes, 2022).

Assim, Rosa e Brêtas (2015) compreendem que, a vivência na rua não se percebe como um clichê, mas como modos de viver que carregam complexidades e conflitos que contrastam com a realidade social. Nessa proposição, a condição de viver nas ruas já caracteriza-se em uma violência, uma vez que rotineiramente perpassam por acentuadas desigualdades e violações de direitos superpostos em nossa sociedade.

Sobretudo, a partir destas compreensões podemos refletir o quão as vivências circunscritas à mulher em condição de rua desvelam-se de forma violenta, no qual quando somadas a outras nuances sociais, seja de gênero, raça e classe potencializam a vulnerabilidade e configuram-se em múltiplas exclusões. Portanto, os amparos dos estudos fenomenológicos nos possibilitam lançarmos olhares para as dificuldades vivenciadas defronte a violência que cerceiam a vida das mulheres em condição de rua.

Afetações das violências na vivência de mulheres em situação de rua



Devido à violência conjugal, as mulheres buscam deixar os próprios ambientes domésticos para que possam romper com as vivências de abusos, por este motivo buscam a rua como refúgio, mas acabam por defrontar-se com a violência nesses espaços. Portanto, faz-se possível notar a repetição da violência em todo ambiente que o corpo desta mulher ocupa, seguindo sem suporte e sem amparo (Sanchotene *et al.*, 2019).

Nardes e Giongo (2021) destacam que há um alto índice de violências que as mulheres em situação de rua perpassam durante a sua vida. Ressalta-se, principalmente, a violência de gênero e a agressividade como parte do cotidiano das mulheres, sendo agravantes das condições de vulnerabilidades. Dentre os desafios sinuosos encontrados acerca das vivências no contexto das ruas, as mulheres constroem suas identidades na condição de rua e exercem o papel social de mãe, irmã e filha.

No que tange os marcadores sociais e a hegemonia do poder do gênero masculino. Sanchotene *et al.* (2019) argumentam que, a relação social de poder entre dominador e dominado se delimitam na dicotomia binária homem e mulher, o que fortalece a construção social da desigualdade de gênero, sendo a mulher inserida em um espaço de subalternidade.

Cabe ressaltar que esta posição que se atribui às mulheres em situação de rua, segundo Butler (2015), na medida em que são menos visibilizadas e incluídas nas políticas sociais, a condição precária intensifica-se nos seus modos de vida, assim, as vivências na condição de rua implica-se nas mais diversas vulnerabilidades, sendo mais intensificada para as mulheres nesta mesma condição.

Nardes e Giongo (2021) retratam que, no contexto brasileiro, as informações acerca das violências que produzem sofrimento nas mulheres são subnotificadas, devido a maior parte das mulheres apresentarem receio em denunciar o agressor, pois desacreditam na segurança que o Estado oferece. Este processo torna-se, possivelmente, ainda mais agravante com as mulheres que estão em situação de rua.

Por outro lado, Richwin e Zanello (2023) destacam que, as mulheres na condição de rua são acometidas por diferentes incidências da violência, tanto explícita quanto velada. Portanto, para a realização de uma análise acerca das violências que as mulheres enfrentam, é necessário entender que a violência ultrapassa a



fisicalidade e as feições evidentes. Com isso, faz-se importante um olhar atento às diferentes formas de manifestação, atuação e reprodução da violência em ambientes específicos.

Conforme Heidegger (2015), o sentido da violência refere-se à não distinção aos que se subordinam aos entes lançados a um regime de poder. O autor compreende que a existência é o poder-ser e este é livre para viver para os modos de propriedade, improriedade e indiferença. Desse modo, a existência é a nossa maneira de ser, enquanto ser-no-mundo.

Concernente a isso, Melo e Dutra (2017) evidenciam que, todos os entes estão imersos nas situações do mundo, aos quais são afetados constantemente por elas. Com isso, são seres que sentem, falam, reagem e pensam, cada um de forma singular, às situações que decorrem ao longo de sua existência do mundo que a percebe e é percebida.

Não obstante, as identidades dessas mulheres continuam sendo impostas desde as suas existências, sendo afetadas cotidianamente pelas visões assimétricas de gênero construídas socialmente. Neste sentido, Sanchotene *et al.* (2019) apreendem que, a mulher em situação de rua está potencialmente mais marginalizada na sociedade do que os homens na mesma situação, devido ao gênero e ao contexto social e histórico. Em vista de que as mulheres não somente são excluídas por diversos aspectos, como também sofrem muitas tentativas de eliminação de suas existências.

Para reafirmar a importância do assunto, evidencia-se que, a sociedade exerce um papel na construção da identidade da mulher, e para a filósofa Simone de Beauvoir (2009), é a partir do contexto social que se determina o papel que a mulher exerce, no sentido que essa mulher só pode reconhecer a si mesma a partir do que se constata na sua relação com o outro que a percebe, simultaneamente, o outro se percebe a partir de como eu também o percebo.

Portanto, para Heidegger (2015) o viver compreende-se para além do que está posto no mundo. No qual, ao ser lançado no “mundo das ruas”, é possível pensar sobre o fenômeno da facticidade como parte constituinte da sua existência, em que as relações se transformam e o ser-com conduz-se como uma forma de sobreviver na condição de rua.



Rosa e Brêtas (2015) descrevem que as principais violências acometidas às pessoas em situação de rua são praticadas por pessoas ou grupos intolerantes, aos quais decorrem de agressão podendo chegar à morte com extrema crueldade. Outra violência que acometem as pessoas em situação de rua são as motivadas devido às dívidas com traficantes, conflitos por espaço, pequenos furtos e divergências pessoais. As pessoas em situação de rua também sofrem o tipo de violência planejada, com práticas higienistas, sendo praticadas por policiais e seguranças. Sendo a violência sexual, geralmente praticadas por homens, a violência que mais acomete às mulheres em situação de rua, aos quais tem potencial para causar danos físicos mentais graves nas mulheres.

Ampliando essa ideia Souza *et al.* (2022), evidenciam em seu estudo que as condições de desigualdades de gênero impostas pela cultura misógina que cerceiam a vida das mulheres em geral, torna-se mais explícita diante da mulher que se encontra em situação de rua. Assim, pode-se pensar que as mulheres em situação de rua estão defronte a constantes desafios, submetidas a ambientes precários e não são assistidas pelos serviços de saúde.

Através destes estudos, é relevante acrescentar que as pesquisas envoltas a condição de gênero feminino e em situação de rua, concentraram-se nas mulheres cisgênero, contudo torna-se importante as abrangências para as travestis, mulheres transexuais e mulheres transgêneros. Não obstante, Mendes *et al.* (2019b) apontam que a situação de rua para as mulheres travestis e mulheres transexuais têm como efeito o conjunto de vulnerabilidades e violações que as atinge durante toda a suas trajetórias de vidas. A deslegitimação sobre as travestilidades e transexualidades ainda é uma realidade predominante em nossa sociedade.

Ressalta-se que as relações de poder e opressão, como podemos perceber, afeta a vivência de mulheres em situação de rua. Tendo em vista que, segundo Farmer (2017), é através dos mecanismos sociais, da pobreza ao racismo, que o sofrimento permeia as experiências individuais, em decorrência das forças e processos sócio-históricos, aos quais são responsáveis por demarcar quem sofre e quem deve ser protegido, assim, parte da população tem as suas ações e escolhas limitadas pelo racismo, sexismo, pobreza e violência política.



Heidegger (2015) diz que, há duas possibilidades que são colocadas diante do ser: a autenticidade, no sentido de apropriar-se de si; e, inautenticidade, em que o ente é absorvido pela cotidianidade e mantém-se na impessoalidade. E o existir na inautenticidade, mantém o Ser-aí (*Dasein*) afastado dos sentidos que são próprios. Diante essa perspectiva, faz-se importante considerar que o existir autêntico para as mulheres em situação de rua, isto é, apropriar-se de si próprio diante da condição de rua, pode tornar-se uma impossibilidade, visto que há diversas circunstâncias e adversidades envoltas às existências dessas mulheres que as impossibilitam a autenticidade de ser-no-mundo.

A partir disso, pode se pensar que as vivências de mulheres em situação de rua, expõe o universo violento e opressor que mais invisibilizam as mulheres, do que possibilitam estratégias para trilhar caminhos para além das ruas. Posto esse argumento, a condição de rua e a condição do gênero feminino acabam por aprofundar ainda mais a exclusão, aos quais limitam-se as alternativas para que o processo de saída das ruas possa ser uma realidade, assim, aponta-se para a necessidade de ampliar conhecimentos sobre as distinções que desvelam-se na vida cotidiana das mulheres e os atravessamentos que na condição de rua as atingem.

Concernente a isso, vivenciar os espaços das ruas é enfrentar o mundo privado, de forma a expor o sufrágio público vivenciado que, geralmente, intenta a invisibilizar e apagar as existências de mulheres que são pertencentes a esse mundo, no qual podem ser verificados maneiras de invisibilizar desde as formas sutis, como a dificuldade ao acesso a políticas públicas mais básicas e as atuações discriminatórias, até os modos mais escancarados e atroz, como as violações do corpo, podendo chegar à aniquilação da existência de mulheres que vivem nos espaços das ruas (Esmeraldo & Ximenes, 2022).

Ampliando a ideia supracitada, de acordo com Esmeraldo e Ximenes (2022), há implicações psicossociais que estão vinculadas às estruturas da relação de poder e dominação inseridas que decorrem do gênero, aos quais são mantidos pelas relações patriarcais presentes em nossa sociedade, corroborando à existência dos estigmas e preconceitos que são dirigidos para as mulheres em situação de rua. Acrescentam ainda que, os processos de opressão, possivelmente, conduzem à



aceitação de seu destino de viver na condição de rua e o des(encontro) com a possibilidade de saída desta realidade vivida.

Acerca da análise da temporalidade nomeada por Heidegger, revela-se que ente não é temporal, visto que este só existe porque no fundo se encontra na própria história de seu ser (Heidegger, 2015). Assim, podemos considerar que, a temporalidade do Ser-aí (*Dasein*) não pode ser percebida como natural, mas histórica. Posto isto, pode-se pensar que todo o contexto social e histórico implica na violência que as mulheres perpassam durante as suas trajetórias de vida.

Em busca de sobre(viver) ao mundo repleto de violências, Pereira *et al.* (2021) argumentam que, algumas mulheres em situação de rua buscam aproximar-se de uma outra pessoa em situação de rua, com o intuito de obter proteção ou auxílio financeiro, a qual elas se direcionam para uma posição de submissão, pois como retratado anteriormente, neste ambiente a masculinidade é hegemônica. Sendo assim, elas mantem-se junto a eles, visando evitar o perigo que outros homens representam. Além do mais, revela-se que o abuso sexual é indicado como uma das maiores dificuldades vivenciadas pelas mulheres em situação de rua.

Em consonância a isso, conforme o autor supracitado Heidegger (2015), o cuidado é parte da condição humana e trata-se do modo em que nos relacionamos com o mundo. Neste sentido, o fundamento de ser-no-mundo é cuidar de si mesmo e do outro. Heidegger parte da premissa que o cuidado pode ser compreendido a partir de dois elementos, sendo a preocupação e a solicitude.

Concordando com esta colocação, Castro (2017) argumenta que a preocupação se refere à relação com coisas, objetos e utensílios. Já a solicitude na relação com as pessoas trata-se de uma existencial pertinente à afetividade. Através desta reflexão, o cuidado deve ser compreendido como o viver o mundo e construí-lo, de modo a preservar a vida e atender às demandas biológicas, visto que ser-no-mundo é o ato de cuidar.

Portanto, as mulheres buscam outras pessoas na mesma condição de rua com o intuito de conectar-se ao outro como forma de proteger-se das violências, submetem-se a situações subalternas para manter-se vivas diante tantos perigos que os próprios homens e a rua representam, assim, reformulam o cotidiano das suas vivências para que possam continuar existindo.



Diante expostas essas colocações, Coldibeli *et al.* (2021) pontuam que, o ciclo de violência e o ciclo de pobreza transpassam as vivências de mulheres em situação de rua. Posto isto, as mulheres na condição de rua encontram-se nas camadas mais pobres e são, na maioria, mulheres negras, aos quais foram direcionadas a trabalhos precários, com baixa ou nenhuma remuneração, precisam exercer o papel social de mãe e recorrem ao trabalho sexual para obter remuneração financeira.

Sanhotene *et al.* (2019) nos remete a uma importante reflexão acerca do movimento feminista, surgido no século XX que, embora tenham contribuído para reivindicar o direito à saúde e a prática da violência contra a mulher, ampliou os direitos civis e sociais da população feminina. Essas melhorias são questionáveis, a partir do momento em que essas ações não alcançam a população de classes sociais mais baixas.

Desta forma, a vigência das estruturas sociais, sendo esta patriarcal dominante, consiste como um produto social e histórico que potencializa as violências de gênero, as quais as mulheres em situação de rua vivenciam, de forma que com o passar dos anos esse ciclo se retroalimenta a partir de toda a desigualdade imposta aos modos de ser-no-mundo das mulheres, sendo estas lançadas no mundo em que a vulnerabilidade social que está implicada nas suas vivências e por elas não pode ser escolhida.

Desvelamento do cuidado à saúde de mulheres em situação de rua

De acordo com Souza *et al.* (2022), os profissionais de saúde destacam-se como uma ferramenta importante para que as vivências de mulheres em situação de rua tenham uma maior visibilidade. Embora as mulheres representem um menor número quantitativo, sob viés comparativo em relação aos homens, as mulheres são as mais vulneráveis à violência, pois estão expostas ao determinismo de gênero, justificado pela sociedade patriarcal e o machismo estrutural predominante em nossa sociedade.

Conforme evidenciam Nardes e Giongo (2021), os serviços acessados pelas mulheres em situação de rua são os Centros de Referência Especializados para População em Situação de rua (Centro POP), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), assim como também, abrigos, albergues e comunidades terapêuticas.



Ao que concerne à atuação dos profissionais da psicologia no trabalho para com as pessoas em situação de rua se exige uma nova postura, distinta do papel tradicional do fazer psicologia, sendo imprescindível atitudes mais acolhedoras em consonância às especificidades de cada acolhido que acessa as redes de saúde. Nessa direção, destaca-se a necessidade em adotar uma metodologia aberta de trabalho para intervir, a partir de estratégias que potencialize o acesso aos direitos socioassistenciais e a reinserção social (Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais [CRP-MG], 2015).

Diante exposto, conforme Rêgo *et al.* (2017) os serviços que são ofertados pelas políticas de saúde, principalmente, ao que tange à saúde mental, estão sendo desafiados para obter êxito mediante as estratégias de cuidado, de forma que conteste a subjetividade na compreensão do processo de saúde e doença, ao qual evidencia a necessidade de elaborar formas de cuidado que superem a hegemonia das relações, técnicas e instrumentalizadas de prevenção e promoção de saúde.

Por conseguinte, a atuação do profissional da psicologia para com as pessoas em situação de rua preconiza que a intervenção contemple o acolhimento diante as realidades específicas na condição de rua. Diante das produções científicas apresentadas, evidencia-se a necessidade de um olhar mais sensível para as especificidades das mulheres neste contexto.

Destarte, as mulheres enfrentam diversos obstáculos no acesso aos direitos socioassistenciais e serviços públicos de saúde, devido à falta de informação, dificuldade com a documentação, de domicílio fixo e entre outras especificidades, o que torna possível evidenciar a complexidade para a garantia do acesso universal e igualitário ao buscar acesso nos serviços de saúde (Brasil, 2015).

Conforme retratam Roso e Santos (2017), há uma fragilidade dos dispositivos voltados às mulheres que vivem nos espaços das ruas, pois não se reconhece as instituições de saúde como um serviço de atenção, assim, as mulheres recorrem em casos emergentes, à rede ambulatorial e à urgência.

Sobretudo, os profissionais que assistem as pessoas na condição de rua devem articular-se e abranger conhecimentos sobre os impactos que os modos de vida na rua têm acerca do processo saúde, doença e cuidado. Para tanto, as mulheres em situação de rua apresentam vivências complexas, vulneráveis a todo e qualquer



lugar que este corpo ocupa, o que demanda ampliação para o próprio conceito de cuidado, considerando em sua prática dimensões que alcancem a interdisciplinaridade e a intersetorialidade (Rosa & Brêtas, 2015).

De acordo com Heidegger (2015), o cuidado é parte fundamental da condição humana e consiste no modo de ser compreendido através das conexões com o mundo e consigo mesmo. Desta forma, evidencia o zelo consigo, pelo outro e pelo mundo. O cuidado desvela-se sob os aspectos da ocupação e preocupação. A ocupação, dá-se através do cuidado com o mundo e o outro e, a preocupação, é o cuidado com o outro ente no mundo.

Mediante as produções científicas, há de se pensar que o cuidado ao que concerne às necessidades biológicas básicas das mulheres que estão em situação de rua não são compreendidas e muito menos atendidas, pois não há zelo e acolhimento para as mulheres que na condição são acometidas pela vulnerabilidade social, ou seja, não se oferta cuidado com a saúde das mulheres, e isso representa a negligência diante as especificidades destas.

Nardes e Giongo (2021) acrescentam ainda que, o atendimento nas instituições ofertadas para as mulheres em situação de rua percorre um processo histórico social do ser humano acolhido, no qual expõe a destituição de direitos ao longo de sua trajetória de vida ou à pior parte desta. À vista disso, há uma necessidade em respeitar as singularidades, sofrimentos, frustrações e desejos das mulheres, pois a condição de rua produz sofrimento para com as mulheres em situação de rua, de forma que as coloca em um processo de desumanização.

E, embora esses serviços atuem na garantia dos direitos humanos, ainda é imprescindível que as mulheres possam ser escutadas e envolvidas no desenvolvimento das políticas públicas. Tendo em vista que a compreensão das vivências das mulheres em situação de rua pode desvelar demandas que somente elas guarnecem sobre si e vivências próprias na condição de rua.

A esse respeito, Castro (2017) evidencia que, para aproximar-se da compreensão da experiência vivida de cada ente, se remete à escuta atenta ao relato de vivência dele, em que através da fala, produz-se o significado atribuído ao fenômeno experienciado, pois na fala externaliza-se o sentido de sua experiência, sendo esta única e singular.



Segundo Oliveira *et al.* (2018), destacam-se como necessidades de pessoas em situação de rua: a segurança, a alimentação, o sono e o repouso, local com privacidade para realizar as necessidades fisiológicas e o acesso aos serviços de saúde. As autoras também evidenciam que a produção de cuidado na vivência diária dá-se, especialmente, através das redes de apoio elaboradas entre as pessoas em situação de rua para atender às próprias necessidades ao que concerne os aspectos físicos, biológicos, espirituais, afetivos e sociais.

Em concordância com esta colocação, Coldibeli *et al.* (2023) concordam quanto a ausência das políticas públicas voltadas para as mulheres em situação de rua, principalmente ao que se refere às ações intersetoriais. Desta forma, conclui-se que há políticas direcionadas para o público feminino, contudo não abrangem as mulheres em situação de rua, ainda que sejam políticas que objetivam a inclusão. O que é possível pensar que inexistem atuações capazes de apreender as complexidades e singularidades de mulheres em situação de rua.

Para Amorim *et al.* (2017), as narrativas que se apresentaram das pessoas em situação de rua demonstram a complexidade que se constitui a vivência nas ruas. São multiplicidades de motivações e razões que levam a pessoa ir de encontro às ruas, decorrente da relação com o uso de álcool e outras drogas, variedades de níveis escolares, demandas de saúde, modos de trabalho, relações com os familiares e entre outros. Portanto, são múltiplos os modos de subjetivação e de vida que fazem as mulheres sobre(viverem) ao ambiente inóspito e inseguro que é o contexto das ruas.

Diante essa perspectiva, Oliveira *et al.* (2018) pontuam a importância em dar visibilidade para a população em situação de rua, posto que as necessidades em saúde poderão ser respondidas mediante planejamentos das redes de atenção à saúde, bem como orientar novos modos de elaborar o processo de trabalho em saúde, ainda que se consista em um desafio para a saúde coletiva.

A partir dessa síntese, é pertinente compreender que ainda faltam subsídios para uma atuação adequada dos profissionais da psicologia para oferecer cuidados para a população em situação de rua que acessam os serviços de saúde, tendo em vista que os serviços necessitam um olhar sobre as especificidades e as fragilidades que as mulheres apresentam na cotidianidade na condição de rua para que possam contemplar o zelo com o outro.



Conforme Brito e Silva (2022) destacam, os profissionais compreendem o serviço de saúde como um lugar que de alguma forma potencializa para a pessoa em situação de rua, as discriminações e exclusões, seja pela aparência, falta do documento ou a vivência no uso abusivo de substâncias psicoativas, o que resulta em desassistência e coloca a pessoa em uma condição de rua ainda mais em um lugar estigmatizante.

É possível refletir que, devido à complexidade que dá-se a temática, as experiências vivenciadas das mulheres em situação de rua possuem estudos reduzidos ao que se referem as singularidades destas mulheres, bem como o desenvolvimento de estudos que reitera em suas pesquisas intervenções e estratégias que possam transformar a realidade que as mulheres em situação de rua experienciam.

Para reafirmar a importância do assunto, Rocha e Oliveira (2020) demonstram que há um desafio na formação de vínculos entre o fazer do psicólogo e as pessoas em situação de rua, pois se exige desse profissional uma postura ativa, no sentido em que este profissional possa dirigir-se aos territórios e identificar os espaços que tem a necessidade do desenvolvimento de estratégias, principalmente, a mais invisibilizada.

Portanto, o profissional da psicologia precisa atuar em consonância com as políticas socioassistenciais para que se torne possível não somente a promoção de saúde, mas também para o desenvolvimento dos processos de prevenção para as mulheres em situação de rua, a partir do conhecimento das particularidades do gênero feminino e a sua formação de vínculos neste cenário.

Compreende-se, portanto, a relevância em pensar sobre os serviços de saúde e a atuação dos profissionais para a assistência às mulheres em situação de rua, visto que inexistente formação profissional e específica que ancore a assistência para com as pessoas em situação de rua. Portanto, a ausência de acolhimento pode se configurar como impeditivo para que as mulheres em situação de rua possam acessar os serviços de saúde e cuidado.

Em vista disso, Coldibeli *et al.* (2021) retratam que, a precarização imposta à vivência de mulheres acrescida à condição de rua, desdobra enquanto uma realidade repleta de opressões e desigualdades, conferidas em nessa dupla condição que reiteram a necessidade em ampliar esta temática.



Esmeraldo e Ximenes afirmam (2022) que as mulheres que vivenciam os espaços das ruas acessam uma política que tem como matriz patriarcal de dominação e controle de corpos. Portanto, a vivência das mulheres está imersa em um sistema opressor que demarca as relações, modos de vida e os papéis sociais, imprimindo os atributos que as estigmatizam.

Muito se discute sobre o acesso aos serviços de cuidado das mulheres em situação de rua, bem como acerca das políticas públicas defasadas que não alcançam esse segmento da população. Com isso, Nardes e Giongo (2021) reconhecem que a trajetória das pessoas no habitar os espaços da rua são marcadas por diversos desafios e é dessa forma que a mulher constrói a sua identidade, forma vínculos e expressa afetos. Além do mais, são mulheres que antes de habitar os espaços das ruas, possuem uma história e exercem papéis, ou seja, são mães, filhas, irmãs e podem (re)configurar as suas redes relacionais.

Há de se considerar que o mundo das ruas desvelam-se inóspitos, bem como produtores de sofrimento para as mulheres. Para Heidegger (2015), os modos de cuidado refletem sobre os modos que nos relacionarmos uns com os outros e, também, considera-se como cuidado. Portanto, pelo viés ontológico de Heidegger, a rua pode configurar-se como um lugar possível de vivência, visto que para muitas das pessoas em situação de rua não é um lugar de passagem, mas de existência.

Como pontuam Teixeira *et al.* (2019), é imprescindível assegurar as políticas públicas sob orientação da equidade, solidariedade e universalidade intersetoriais para reduzir o estigma implicado ao grupo das pessoas em situação de rua. Partindo da premissa que os cuidados devem ser ofertados com base no respeito à dignidade das pessoas que acessam os serviços de saúde, pois são cidadãos que possuem direitos e estão amparados pela constituição.

Outrossim, conforme compreende o autor supracitado Teixeira *et al.* (2019) a mulher em situação de rua não está no ideal social de ser mulher, embora seja socio historicamente construído, as expectativas que se produzem acerca da vida das mulheres, ainda nos dias de hoje, é a ocupação do mundo privado, restrito ao cuidado do lar e no exercício da maternidade.

Contudo, defronte a todos os arranjos sociais e as expectativas acerca das mulheres que vivenciam as ruas, a realidade que se desvela é que as mulheres em



situação de rua não possuem lar, não podem exercer a maternidade e estão sendo resistentes às adversidades que encontram nas ruas cotidianamente para sobreviver (Sanhotene *et al.*, 2019).

Desta forma, cabe pensar que é papel da sociedade e das políticas públicas propor políticas inclusivas nesse cenário de discriminação em que as mulheres estão inseridas na condição de rua. Portanto, para que a psicologia possa atuar com as mulheres em situação de rua, faz-se importante compreender de forma atenta para as peculiaridades frente às suas próprias vivências.

Jorge e Ricci (2020) descreve que a vivência de mulheres em situação de rua advém das formas de violências, sejam elas: das violações de direitos, relações com seus pares, nos espaços das ruas e as instituições que negligenciam as demandas das especificidades e singularidades das mulheres no cotidiano. Ou seja, percebe-se uma deslegitimação às vítimas (sobreviventes) ao serem acometidas pela violência e a discriminação até mesmo nas redes socioassistenciais.

Conforme compreendem Oliveira *et al.* (2018), apesar da existência de uma Política Pública Nacional, ainda há desafios que perduram para a implementação de ações das políticas públicas e reinserção social direcionadas às mulheres em situação de rua. Desse modo, cabe dizer que, os direitos das mulheres em condição de rua não são garantidos nas redes de proteção e ainda requer visibilização intersetorial por parte do Estado, gestores, profissionais das áreas social e de saúde para que alcance as demandas que se apresentam nas vivências de mulheres em situação de rua.

O que cabe refletir sobre a necessidade em ter políticas públicas voltadas para as mulheres em situação de rua para que possam oferecer intervenções que abarquem as demandas frente às peculiaridades das mulheres que, constantemente, estão sendo afetadas pelas violências e agressividades nos espaços das ruas.

Considerações Finais

Através do processo de desenvolvimento desta revisão de literatura foi possível tecer compreensões sobre as vivências de mulheres em situação de rua, ao qual indicou lacunas investigativas no panorama estatístico oficial acerca de mulheres que estão em situação de rua. Assim, destacou-se apreensões envoltas na condição de gênero, no intuito de romper com os conceitos normativos e limitantes da configuração binária. Diante disso, demonstrou-se a importância de ampliação de



discursos igualitários, sendo possível questionar as ações dos movimentos sociais feministas que não alcançam as mulheres na condição de classe social baixa.

No decorrer da pesquisa, foi possível pensar que, em quaisquer que sejam os lugares que as mulheres ocupam podem ser atravessadas pela violência. As mulheres vivenciam até os dias de hoje os vestígios das estruturas patriarcais que organizam categoricamente as relações sociais, sendo as mulheres colocadas sempre em um lugar de subordinação. Com isso, cabe compreender que, ser mulher é estar entrelaçada às condições de desarmonia de gênero.

Sobretudo, a desigualdade de gênero se torna mais profunda e escancarada quando as mulheres adentram os espaços das ruas como um possível lugar de vivência. Percebe-se que as mulheres foram motivadas a sair de casa em decorrência do rompimento às violências física, sexual, psicológica que as acometiam, muitas vezes dentro do ambiente doméstico. Esse cenário poderia ser diferente se houvessem proteção e amparo das redes socioassistenciais ou dos serviços de saúde.

Posto isto, cabe refletir que as vivências nas ruas podem ser ambíguas, em razão de que tanto podem produzir possibilidades de refúgio quanto apresentar-se como um ambiente inóspito, visto que as mulheres são vítimas da violência também neste contexto. Por este motivo, buscou-se enfatizar as peculiaridades da vida pregressa à condição de rua, bem como as especificidades na construção de relações com outrem nos espaços das ruas. Em vista disso, sob a ótica fenomenológica, oportunizou-se apontar para a compreensão de mulheres lançadas ao mundo das incertezas e de imprevisibilidade, sendo não possível de controlar.

Outrossim, as compreensões acerca dos modos de viver da população em situação de rua, com recorte do gênero, revelam marcas embricadas com o horizonte histórico, social, político e cultural que as colocam sob o viés da subordinação e fragilidade. Apesar disso, as mulheres buscam fazer uso de estratégias para sobre(viver) na condição de rua, de modo a resistir às violências que as atravessam na vivência cotidiana. E, por este motivo, evidenciou-se o quão os marcadores de diferenças de gênero, raça, etnia e classe podem acentuar as vulnerabilidades no contexto das ruas.



Os estudos desencadeiam a reflexão acerca da realidade vivida de mulheres em situação de rua e expõe o universo de isenções, tanto dos serviços de saúde quanto das redes socioassistenciais que poderiam intentar estratégias na prevenção e na promoção de saúde para a população em situação de rua. Não obstante, notou-se nos estudos que há um alerta sobre a falta de produções científicas que aprofundem em conhecimentos acerca das peculiaridades de mulheres em situação de rua, no qual pode ser uma possibilidade para o desenvolvimento de estratégias mais resolutivas em consonância à essa realidade.

Nesse sentido, pode-se constatar a ausência das políticas públicas direcionadas para as mulheres em situação de rua que, conforme às literaturas, as mulheres enfrentam cotidianamente diversos obstáculos para o acesso aos direitos socioassistenciais e serviços de saúde, o que denota a ínfima visibilidade das redes de proteção e cuidado. Nesta perspectiva, demonstra-se a importância em tornar notório pesquisas como esta, para que possam evidenciar as compreensões das vivências de mulheres em situação de rua e a necessidade do desenvolvimento de pesquisas para com este grupo.

Não obstante, verifica-se a complexidade das trajetórias de vida da população em situação de rua, principalmente, ao que se refere às vivências de mulheres em situação de rua, visto que evidenciam fragilidades no ambiente precário das ruas, bem como a dificuldade no acesso às políticas públicas de saúde. Ressalta-se que a atuação do profissional da psicologia, sob o viés da fenomenologia-existencial pode contribuir para a oferta de cuidado à saúde e acolhimento para com as mulheres na condição de rua, mas que ainda espera-se uma postura ativa para alcançar esse grupo. Ademais, sugere-se novas pesquisas com o intuito de discutir as lacunas que ainda são presentes defronte as especificidades de mulheres cisgêneros, travestis e transgênero que vivem em situação de rua.

Referências

- Amorim, A.K. M. A., Nobre, M. T., Coutinho, A. F. J., & Gomes, F. E. S. (2017). Entre canteiros e nuvens, perigos e guarda-chuvas: A experiência de uma pesquisa-intervenção com pessoas em situação de rua. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 22(4), 389-400. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20170040>



- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. 1ª ed. São Paulo: Polém.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. 70ª ed. São Paulo: Almedina.
- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Biscotto, P. R., Jesus, M. C. P. de ., Silva, M. H. da ., Oliveira, D. M. de ., & Merighi, M. A. B.. (2016). Compreensão da vivência de mulheres em situação de rua. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 50(5), 749–755. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000600006>
- Brasil. (2008). Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Meta Instituto de Opinião. *Pesquisa Nacional para População Rua*. Brasília.
- Brasil. (2009). Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretária de Avaliação e Gestão da Informação. Secretaria Nacional de Assistência Social. Rua: aprendendo a contar. *Pesquisa Nacional para a População em Situação de Rua*: Brasília.
- Brasil. (2013). Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria de Direitos Humanos. *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil*. Brasília. <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violenciahomofobica-ano-2013>.
- Brasil. (2015). Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Nota técnica conjunta nº 001: SAS e SGEP. *Política Nacional de Gestão Estratégica e Participativa no SUS*: Brasília.
- Brasil. (2023). Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. População em Situação de Rua. *Pesquisa Nacional para a População em Situação de Rua*: Brasília. https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat_pop_ua_digital.pdf.
- Butler, J. (2015). *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* 1º ed. Rio de Janeiro.
- Brito, C., & Silva, L. N. da. (2022). População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 1, p. 151-160.
- Castro, E. H. B. (2017). A filosofia de Martin Heidegger. In: Castro, E. H. B. (Org.). *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. 1ª ed. Curitiba: Appris.
- Coldibeli, L. P., Paiva, F. S., & Batista, C. B. (2021). Gênero, Pobreza e saúde: revisão sistemática sobre a saúde de mulheres em situação de rua. *Textos & Contextos*, v. 20, n. 1, p. 1-14. <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2021.1.38015>.



- Coldibeli, L. P., Paiva, F. S., & Batista, C. B. (2023). Itinerários Terapêuticos de Mulheres em situação de rua: múltiplas faces do cuidado. *Psicol. Soc.*, v. 35, n. 1, p. 1-13. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v35264738>.
- Conselho Regional de Psicologia Minas Gerais (2015). *A psicologia e a população em situação de rua: novas propostas, velhos desafios*. Belo Horizonte: 2015.
- Costa, S. L. da., Vida, C. P. da C., Gama, I. A., Locatelli, N. T., Karam, B. J., Ping, C. T., Massari, M. G., Paula, T. B. de., & Bernardes, A. F. M. (2015). Gestantes em situação de rua no município de Santos, SP: reflexões e desafios para as políticas públicas. *Saúde E Sociedade*, 24(3), 1089–1102. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015134769>
- Esmeraldo, A. F. L., & Ximenes, V. M. (2022). Mulheres em Situação de Rua: Implicações Psicossociais de Estigmas e Preconceitos. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 42, e235503. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235503>
- Heidegger, M. (2015). *Ser e Tempo*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Farmer, P. (2017). *Patologias do poder: saúde, direitos humanos e a nova guerra contra os pobres*. São Paulo: Paulus.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.
- Hallais, J. A. da S., & Barros, N. F. de. (2015). Consultório na Rua: visibilidades, invisibilidades e hipervisibilidade. *Cadernos De Saúde Pública*, 31(7), 1497–1504. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00143114>
- Heidegger, M. (2015). *Ser e Tempo*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Honorato, B. E. F., & Oliveira, A. C. S.. (2020). População em situação de rua e COVID-19. *Revista De Administração Pública*, 54(4), 1064–1078. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200268>
- Jorge, C. F., & Ricci, É. C. (2020). Mulheres em situação de rua: uma perspectiva de cuidado singularizado, territorial e intersetorial. *Revista de Psicologia da UNESP*, 19(spe), 78-102. <https://doi.org/10.5935/1984-9044.20200014>
- Melo, K. S., & Dutra, E. (2017). A violência sob o olhar do adolescente autor de ato infracional: reflexões fenomenológicoexistenciais. *Psicologia em Revista*, 23(2), 687-706. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n2p687-706>
- Mendes, K. T., Ronzani, T. M., & Paiva, F. S. de. (2019a). População em situação de rua, vulnerabilidades e drogas: uma revisão sistemática. *Psicologia & Sociedade*, 31, e169056. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31169056>
- Mendes, L. G., Jorge, A. O., & Pilecco, F. B. (2019b). Proteção social e produção do cuidado a travestis e a mulheres trans em situação de rua no município de Belo Horizonte (MG). *Saúde Em Debate*, 43(spe8), 107–119. <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S808>



- Merleau-Ponty, M. (2018) *Fenomenologia da Percepção*. 4ª ed. São Paulo: Martin Fontes.
- Moreira, T. A. S., Cavalcante, C.P.S., Pereira, D.S., & Paiva, I. L. (2020). Sobre “ser mulher e mãe” em situação de rua: invisibilidade na sociedade brasileira. *Revista em pauta*, v. 47, n.19, p. 121-137. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/56078>.
- Nardes, S., & Giongo, C. R. (2021). Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas. *Revista Estudos Feministas*, 29(1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n166011>
- Nobre, M. T., Moreno, N. S., Amorim, A. K. de M. A., & Souza, E. C. de. (2018). Narrativas de modos de vida na rua: histórias e percursos. *Psicologia & Sociedade*, 30, e175636. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30175636>
- Oliveira, D. M. de., Expedito, A. C., Aleixo, M. T., Carneiro, N. S., Jesus, M. C. P. de., & Merighi, M. A. B. (2018). Necessidades, produção do cuidado e expectativas de pessoas em situação de rua. *Revista Brasileira De Enfermagem*, 71, 2689–2697. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0612>
- Organização Mundial de Saúde. (2002). *Relatório Mundial sobre a violência e a saúde*. Genebra. <https://www.cevs.rs.gov.br/>.
- Pereira, O. L., Magalhães, C.L. & Lopes, C.M.D. (2021). Gênero e vivências: relação de mulheres em situação de rua com a sexualidade, violência e gravidez. *Revista Interdisciplinar de Extensão PUC Minas*, v. 5, n. 9, p. 151-162. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view/26285/18390>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale.
- Prudente, T. de C. B., Gontijo, D. T., & Paiva, R. B. C. (2018). Desempenho ocupacional de mulheres em situação de rua. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, v. 2, n. 1, p. 85-108, 2018. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto11544>
- Richwin, I. F., & Zanello, V. (2023). “Desde casa, desde berço, desde sempre”: violência e mulheres em situação de rua. *Revista Estudos Feministas*, v. 31, n. 1, p. 1-15. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n177926>.
- Rêgo, N. G., Oliveira, P. R. S. de, Lima, A. F. de, & Holanda, R. B. (2017). Pobreza e políticas sobre drogas: documentos de vigilância e tecnificação. *Revista Psicologia Política*, 17(38), 72-89. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Rocha, F. C., & Oliveira, P. R. S. de. (2020). Psicologia na rua: delineando novas identidades a partir do trabalho com a população em situação de rua. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(1), 1-18.



http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000100006&lng=pt&tlng=pt.

- Rosa, A. da S., & Brêtas, A. C. P. (2015). A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 19(53), 275–285. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0221>
- Roso, A., & Santos, V. B. dos. (2017). Saúde e relações de gênero: notas de um diário de campo sobre vivência de rua. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(2), 283-299. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3379>
- Saffioti, H. I. B. (2015). *Gênero, Patriarcado, Violência*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular.
- Sanchotene, I., De Antoni, C., & Munhós, A. (2019). Maria, Maria: concepções sobre ser mulher em situação de rua. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*. 18. 146. [10.15448/1677-9509.2019.1.29297](https://doi.org/10.15448/1677-9509.2019.1.29297).
- Souza, L. C. N. de. (2021). *Entre vulnerabilidade e resiliência: risco e proteção e subjetividade em adolescentes que vivem em situação de rua em Manaus*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, AM, Brasil. https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8164/5/Dissertação_LarissaNascimento_PPGPSI.pdf.
- Souza, M. M. A., Abreu, R. B., Medeiros, K. Q., & Taveira, L. M. de. (2022). Mulheres em situação de rua: Uma análise sobre a violência e machismo estrutural. *Nursing (São Paulo)*, 25(289), 7918–7929. <https://doi.org/10.36489/nursing.2022v25i289p7918-7929>
- Teixeira, M. B., Belmonte, P., Engstrom, E. M., & Lacerda, A. (2019). Os invisibilizados da cidade: o estigma da População em Situação de Rua no Rio de Janeiro. *Saúde em Debate*, 43(spe7), 92–101. <https://doi.org/10.1590/0103-11042019s707>.

Recebido: 24/05/2024

Aceito: 28/06/2024

Publicado: 01/07/2024

Autores

Fabiana Bruce Pereira

Psicóloga. Bacharela em Psicologia pela Universidade Nilton Lins. Email: fabiana_bruce@hotmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0009-0002-8954-6298>

Luziane Vitoriano da Costa

Mestra do Programa de Pós-graduação em Psicologia/PPGPSI/UFAM. Docente do curso de Psicologia da Universidade Nilton Lins. Psicóloga graduada pela Universidade Paulista/UNIP. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). E-mail: luziane.costa@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-8374-9206>



Dacir Martins de Castro

Docente da Universidade Nilton Lins. Psicólogo na Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos (SEMASC) do Município de Manaus. Especialista em Tutoria e Docência em Educação a Distância e em Didática do Ensino Superior pela Universidade Nilton Lins. Psicólogo graduado pela Universidade Nilton Lins. E-mail: dacir.martins@hotmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-5170-6746>

Gabriel Vitor Melo Rocha

Mestre do Programa de Pós-graduação em Psicologia/PPGPSI/UFAM. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). E-mail: gabrielvitor.mr@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2803-4726>